



Formação acadêmica e capacidade de gestão financeira de estudantes universitários
Academic training and financial management skills of university students

Recebimento: 30/12/2024 - Aceite: 17/09/2025 – Publicação: 27/10/2025

Processo de Avaliação: Double Blind Review – <https://doi.org/10.22567/rep.v14i2.1068>

Iana Sofia de Albuquerque Paulo

ianasofiaap29@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-4752-7821>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

Bruna França do Nascimento

brunafrancaa123@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-1334-5932>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

Túlio Cesar Souza de Oliveira

tulioosousa@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-6183-8495>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

Aldir Dias de Amurim

aldiramurim@frn.uespi.br

<https://orcid.org/0000-0003-2776-680X>

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

José Jonas Alves Correia

jonas.correia@ufdpar.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4552-7263>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

RESUMO

A gestão das finanças pessoais pode ser significativamente aprimorada por meio da educação financeira. Parte-se da perspectiva de que cursos na área de negócios, como ciências contábeis e administração podem aumentar a capacitação dos indivíduos na administração de suas finanças pessoais. A Teoria da Contabilidade Mental sugere que a análise de eventos financeiros pode frequentemente desviar da racionalidade esperada nas tomadas de decisão. Esta pesquisa objetiva analisar a relação da formação acadêmica na educação financeira e na capacidade de gestão financeira pessoal de estudantes universitários. A metodologia utilizada na análise foi o

teste qui-quadrado, visando examinar os dados coletados a partir de um questionário aplicado em alunos de graduação em administração e ciências contábeis a partir do 5º período, perfazendo uma amostra final de 140 respostas válidas. Os resultados revelam que os cursos de ciências contábeis e administração não estão relacionados à educação financeira ou à capacidade de gestão financeira pessoal dos acadêmicos. No entanto, outros fatores, sejam racionais ou subjetivos, ainda desempenham um papel nas decisões financeiras pessoais. A pesquisa torna-se relevante ao apresentar dados para entender as falhas financeiras pessoais no Brasil, especialmente entre universitários que tomam suas primeiras decisões financeiras.

Palavras-chave: finanças pessoais, educação financeira, administração, contabilidade

ABSTRACT

Personal finance management can be significantly improved through financial education. The perspective is that courses in the business area, such as accounting and administration, can increase individuals' ability to manage their personal finances. The Mental Accounting Theory suggests that the analysis of financial events can often deviate from the expected rationality in decision-making. This research aims to analyze the relationship between academic training in financial education and the personal financial management capacity of university students. The methodology used in the analysis was the chi-square test, aiming to examine the data collected from a questionnaire applied to undergraduate students in administration and accounting from the 5th period onwards, making up a final sample of 140 valid responses. The results reveal that accounting and administration courses are not related to financial education or the personal financial management capacity of students. However, other factors, whether rational or subjective, still play a role in personal financial decisions. The research becomes relevant when presenting data to understand personal financial failures in Brazil, especially among university students who make their first financial decisions.

Keywords: *personal finance, financial education, administration, accounting*

1. INTRODUÇÃO

As finanças pessoais são consideradas uma linha de investigação que busca compreender como os aspectos conceituais financeiros influenciam as escolhas de um indivíduo (Cruz *et al.*, 2011). Para Maehler e Kasmin (2024), este campo de pesquisa refere-se à gestão particular do dinheiro, que envolve o planejamento, organização e controle financeiro. Seu estudo capacita as pessoas a aplicarem no cotidiano os conceitos financeiros em suas decisões, permitindo-lhes equilibrar orçamentos e planejar suas finanças de forma eficaz (Foulks & Graci, 1989).

O planejamento é um instrumento que possibilita a organização das finanças tanto individuais quanto familiares (Santos *et al.*, 2024). Desse modo, emprega-se o planejamento para alinhar rendimento ao padrão de vida desejado e estabelecer metas futuras, mas para muitos, essa tarefa é árdua, pois planejar não é tão gratificante quanto consumir (Anjos & Girardi, 2021). Segundo Frankenberg (1999), a finalidade do planejamento financeiro é atingir metas que permitam ao indivíduo ter um melhor controle de suas finanças, ou seja, gastar menos do que ganha e compreender o que é prioritário.

De acordo com Montoto (2015), a contabilidade é uma ciência social que se dedica ao estudo do patrimônio de entidades, sejam elas pessoas físicas ou jurídicas. Silva e Tristão (2009) afirmam que contabilidade pessoal se trata da organização financeira eficiente do patrimônio das pessoas físicas, incluindo bens, direitos e obrigações ou nas finanças pessoais. A necessidade da contabilidade para pessoa física se refere a importância da tomada de decisão, buscando o fornecimento de informações referente a situação financeira de acordo com observações dos fatos patrimoniais (Marion, 2018).

Domingos (2013) afirma que a educação financeira vai além do simples registro, é saber como gerir o dinheiro e utilizá-lo como meio para alcançar objetivos e realizar sonhos. Para Silva e Oliveira (2024) a organização financeira e patrimonial pode influenciar de forma direta a qualidade de vida do indivíduo. De fato, a contabilidade ocorre de maneira intrínseca na vida dos indivíduos, já que estão sempre atentos ao patrimônio, recursos e transações, realizando comparações de resultados ao longo do tempo (Montoto, 2015).

As práticas empresariais podem ser facilmente aplicadas aos indivíduos, pois visam aprimorar sua habilidade financeira, abrangendo decisões relacionadas à gestão das finanças pessoais (Santos *et al.*, 2019). Kotler e Keller (2018) afirmam que decisões financeiras

envolvem características únicas do indivíduo, como idade, ocupação, personalidade, preparação em uma determinada fase da vida e entre outros. Na visão de Cerbasi (2009), o ideal é que a educação financeira seja iniciada dentro de casa, começando na infância até a vida adulta, por meio de incentivos construídos com base nas práticas do cotidiano. A finalidade é desenvolver habilidade e confiança, para que sejam identificados riscos e oportunidades que estão inseridos no ambiente econômico (Grifoni & Messy, 2012; Savoia *et al.*, 2007).

Um exemplo disso é o estudo de Mandell e Klein (2009), que demonstra como programas de educação financeira ministrados durante o ensino médio nos Estados Unidos resultaram em jovens adultos mais bem preparados financeiramente, levando a uma melhoria geral na saúde econômica a médio e longo prazo. Conforme Savoia *et al.* (2007), as instituições de ensino superior não têm mantido uma atuação regular nesse âmbito, resultando em uma falta no ensino que não supre a demanda por conhecimentos em finanças pessoais entre os estudantes universitários. De acordo com Maehler e Kasmin (2024), a educação financeira no contexto brasileiro não havia sido oficialmente incorporada aos currículos, e nas instituições universitárias, não se observava uma ação eficaz e sustentada nesse sentido.

Há uma estreita relação entre pessoas e empresas no que diz respeito às finanças, ambas necessitam gerenciar seus recursos para mitigar riscos e se preparar para eventualidades financeiras imprevistas (Massaro, 2015). Para Silva e Oliveira (2024), os indivíduos precisam de educação financeira como recurso essencial para o planejamento e a gestão de suas finanças, além de receber direcionamento sobre poupança e investimento. Segundo Remund (2010) e Santos *et al.* (2024), a educação financeira abrange a capacidade de compreender os principais conceitos financeiros e a confiança para gerenciar as finanças pessoais, envolvendo a tomada de decisões de curto prazo, o planejamento financeiro de longo prazo e a consciência das mudanças na vida e nas condições econômicas.

Considerando o exposto, evidencia-se a existência de um campo de pesquisa a ser investigado. Nesse contexto, formula-se a questão norteadora da pesquisa: Qual a relação da formação acadêmica na educação financeira e na capacidade de gestão financeira pessoal de estudantes universitários? Este estudo tem como objetivo analisar a relação da formação acadêmica na educação financeira e na capacidade de gestão financeira pessoal de estudantes universitários.

A investigação sobre como a formação acadêmica impacta a educação financeira e a capacidade de gestão financeira pessoal de universitários é relevante para entender as falhas financeiras pessoais no Brasil, especialmente entre universitários que tomam suas primeiras decisões financeiras. A pesquisa destaca a lacuna na educação financeira e investiga como a formação acadêmica em administração e ciências contábeis influencia essas decisões. Ao desafiar as expectativas tradicionais sobre a eficácia desses cursos, o estudo oferece *insights* valiosos para melhorar currículos e programas de educação financeira, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa conforme os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

O estudo contribui teoricamente ao investigar se a formação acadêmica em áreas diretamente ligadas à gestão (Contábeis e Administração) se traduz em maior educação e capacidade financeira pessoal. Com isso, valida a premissa de que conhecimento técnico especializado é transferível para a esfera pessoal. Os resultados podem ajudar a refinar modelos teóricos sobre como o conhecimento financeiro formal é internalizado e aplicado, identificando possíveis lacunas entre a teoria acadêmica e a prática cotidiana.

Na esfera prática, os achados do estudo tornam-se valiosos para as Instituições de Ensino Superior (IES) e os coordenadores dos cursos envolvidos. Ao perceber que a formação atual é insuficiente para garantir uma gestão financeira pessoal eficaz, o trabalho serve como um alerta para a necessidade de reformulações curriculares. Isso pode incluir a criação de disciplinas obrigatórias ou optativas de educação financeira pessoal, a integração desses conteúdos de forma transversal nas disciplinas já existentes. Dessa forma, a pesquisa fornece um embasamento concreto para melhorar a qualidade da formação oferecida, preparando os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para suas vidas financeiras individuais.

No âmbito social, a contribuição reside no seu potencial de promover maior equidade e bem-estar financeiro aos discentes e sociedade. Ao identificar o impacto de uma formação específica na capacidade de gestão pessoal, o estudo lança luz sobre um mecanismo poderoso para combater problemas sociais, como o superendividamento e a falta de planejamento financeiro. Ademais, a pesquisa contribui para a formação de profissionais e cidadãos mais responsáveis, o que gera impactos positivos em cascata para a estabilidade econômica das suas famílias e da sociedade como um todo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Teoria da Contabilidade Mental

Ao passo que a contabilidade empresarial envolve a aplicação de regras e convenções previamente definidas, a contabilidade mental tem sua base no estudo do comportamento humano, a partir do qual se derivam regras, tornando assim esse procedimento mais difícil (Kahneman & Tversky, 1979; Thaler, 1999). O viés da contabilidade mental pode ser compreendido de forma simplificada ao observar como indivíduos gerenciam suas finanças pessoais e empresas organizam seus orçamentos (Santos *et al.*, 2019). Ainda na concepção do autor supracitado, no processo de elaboração do orçamento empresarial, as despesas e receitas são categorizadas em contas que registram as transações de um período específico, cada uma com limites definidos de gastos e receitas.

Conforme Silva e Lautert (2022), o cerne da Teoria da Contabilidade Mental reside em destacar que, ao tomar uma decisão financeira, nossa principal ênfase recai na satisfação de necessidades imediatas, em detrimento da análise geral de todas as variáveis, bem como suas alternativas e implicações. Ao optar apenas pela contabilidade mental, há uma probabilidade maior de o indivíduo ser suscetível a influências de fatores emocionais (Kahneman 2012).

Em virtude da existência da contabilidade mental, indivíduos costumam abordar a resolução de seus dilemas de maneira fragmentada, exercendo influência sobre o processo de tomada de decisão em diversas esferas (Rajagopal & Rha, 2009). A manifestação do viés comportamental se evidencia quando um investidor opta por vender um ativo que teve desempenho positivo em detrimento de outro que registrou um rendimento negativo (Zanetta, 2016). É esperado que o indivíduo opte por se desfazer da posição que resultou em perdas, devido à decepção causada pelo desempenho insatisfatório do ativo, além dos benefícios fiscais gerados pela redução do valor do investimento (Shefrin & Statman, 1985).

A busca pela obtenção do melhor resultado por meio da maximização está além do âmbito do processo decisório humano (Zanetta, 2016). Kahneman (2002) destaca em seus estudos que o desejo de satisfazer os impulsos e anseios pode servir como uma força motriz por trás das decisões. Existem três elementos que definem o processo de tomada de decisão por meio da contabilidade mental: i) a maneira pela qual os resultados são percebidos e vivenciados,

bem como a abordagem adotada na tomada e avaliação das decisões; ii) a alocação de atividades em contas específicas, como o agrupamento de despesas em setores como moradia, alimentação, entre outros; e iii) a regularidade com que essas contas são avaliadas (Thaler, 1999).

O exemplo de Kahneman (2012) relaciona-se com o primeiro elemento, em que uma loja oferece colchas nos tamanhos P, M e G, com preços originais de 100, 200 e 300 reais, respectivamente, mas depois disponibiliza por 50 reais cada. No mesmo trabalho, observou-se que um comprador pode optar pela colcha tamanho G, acreditando ter obtido o maior desconto, mas, ao utilizar o produto, percebe que, em sua perspectiva, o tamanho P teria sido a escolha mais vantajosa. Neste contexto, o consumidor obteve uma vantagem financeira ao adquirir uma colcha de preço superior (Santos *et al.*, 2019). Contudo, ao considerar a eficácia do produto adquirido, expressou descontentamento em relação à escolha feita.

Santos *et al.* (2019) ilustra o segundo elemento da seguinte forma, supõe-se a aquisição de um bilhete para uma apresentação teatral. Quando é comprado antecipadamente o bilhete, cria-se uma representação mental que está relacionada com essa transação. Nesse sentido, o saldo da representação mental será inicialmente negativo, pois houve uma saída de dinheiro. Quando se assiste de fato à peça, encerra-se a representação mental, eliminando o saldo negativo. Se ocorrer algum imprevisto que o impeça de assistir à peça, a representação mental será encerrada com um saldo negativo. Para Prelec e Loewenstein (1998), é importante considerar a situação de maneira abrangente antes de tomar decisões financeiras, pois a utilização isolada de contas mentais específicas pode resultar em ineficiência em relação ao panorama geral.

O ato de separar recursos em compartimentos mentais resulta em tendências comportamentais que desviam o indivíduo do padrão de racionalidade esperado (Zanetta, 2016). Uma maneira de exemplificar o terceiro elemento é observar que os participantes de *poker* devem evitar realizar contagens de dinheiro enquanto permanecem na mesa, em meio aos seus colegas jogadores (Santos *et al.*, 2019). Assim sendo busca-se evitar decisões isoladas que não englobem o problema como um todo (Cheema & Soman, 2006).

A contabilidade mental exerce impacto sobre a tomada de decisões, abrangendo desde contextos simples do dia a dia, como as finanças pessoais, até o âmbito empresarial (Vieira *et al.*, 2022). De acordo com Chatterjee *et al.* (2009), esta teoria descreve as escolhas individuais

e é aplicável a comportamentos econômicos, como investimentos, empréstimos e dívidas. Nesse sentido, o entendimento contábil desempenha um papel de suporte no contexto da contabilidade mental, uma vez que esta tem natureza mais ampla e não depende de procedimentos formais para ser aplicada, estando diretamente relacionada à dimensão psicológica intrínseca de cada pessoa (Prado, 2015).

2.2. Educação Financeira e a Contabilidade Como Auxílio Às Finanças Pessoais

Martins (2004) destaca que a falta de conhecimentos financeiros básicos é a causa dos problemas na gestão das finanças pessoais. No entanto, segundo Cordeiro *et al.* (2018), ao longo do tempo, tem havido uma mudança nesse cenário devido à implementação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em 2010, que tem focado em ensinar práticas financeiras e fundamentos básicos de contabilidade nas escolas observando que essas mudanças têm levado à introdução da educação financeira de diversas maneiras. Zerrenner (2007) aponta que, embora a contabilidade seja uma adição recente ao cenário educacional brasileiro, é relevante acentuar a importância desse assunto desde os primeiros avanços da educação, a fim de incentivar nas gerações futuras o interesse em melhorar a gestão de seus recursos e, dessa forma, promover um impacto positivo na economia nacional.

Segundo Queiroz *et al.* (2015), incorporar a contabilidade é viável para alcançar uma gestão financeira equilibrada, pois ela estuda o patrimônio e suas informações nas ciências sociais. Bayer *et al.* (2009) afirmam que a contabilidade tem a função de ser aplicada em finanças pessoais, exercendo influência nas escolhas tanto em contextos empresariais como individuais, disponibilizando ferramentas flexíveis para abordar questões financeiras complexas e cotidianas. Além disso, de acordo com Martins (2004), as diferenças entre a administração de caixa em uma empresa e as finanças pessoais são mínimas, variando principalmente nas proporções dos recursos envolvidos nas duas esferas; nas finanças pessoais, as decisões são externas ao indivíduo, enquanto na administração da caixa empresarial, os objetivos visam o funcionamento e o crescimento da organização.

De acordo com Gallagher (2008), ter dinheiro à disposição não é suficiente se as pessoas não souberem como usá-lo. A autora também menciona que algumas pessoas economizam dinheiro, mas não o investem, enquanto a maioria gasta suas receitas de maneira desproporcional em relação aos seus orçamentos. Conto *et al.* (2015) enfatizam a importância

de definir um objetivo a ser seguido, pois percorrer caminhos sem um destino definido é pouco proveitoso. Lusardi (2019) também relata que a contabilidade pode selecionar o papel de um guia nas finanças pessoais, uma vez que, por meio da demonstração do resultado do exercício, é possível obter informações que permitem controlar as receitas e despesas individuais, facilitando o planejamento financeiro pessoal e ajudando a tomar decisões mais informadas em relação ao uso de recursos pessoais.

Queiroz *et al.* (2015) enfatizam a relevância da contabilidade no gerenciamento das finanças pessoais, permitindo tomar decisões informadas com base na análise de dados semelhantes ao controle financeiro empresarial. Silva *et al.* (2017) observam que a contabilidade contribui para o aprimoramento das finanças pessoais, tornando o planejamento financeiro mais preciso e eficaz, permitindo a comparação entre o que foi planejado e o que foi realizado, o que facilita a identificação da realidade financeira da família. Bruhn *et al.* (2016) afirmam que, a integração efetiva da contabilidade nas finanças pessoais requer educação financeira adequada e uma abordagem abrangente para considerar todos os aspectos da gestão financeira.

2.3. Pesquisas Correlatas

Lima *et al.* (2017) realizaram uma pesquisa com questionários aplicados com 94 estudantes das turmas do 1º, 2º, 7º e 8º período do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O estudo objetivou analisar como a Contabilidade pode ser usada para o controle das finanças pessoais dos discentes da Universidade Federal de Alagoas, Unidade de Ensino Santana do Ipanema. Diante dos resultados, foi possível concluir que das turmas do sétimo e oitavo período, que consistem em 29 estudantes, 75% deles relataram usar seus conhecimentos para administrar suas despesas.

Santos *et al.* (2019) realizaram pesquisa com acadêmicos de diversos cursos do campus regional de Cianorte da Universidade Estadual de Maringá (UEM) para avaliar a relação existente entre o curso de graduação e a percepção do conhecimento adquirido em finanças pessoais através do curso. Os achados apontaram que do total apenas 12,5% dos estudantes de contábeis relataram que seus cursos não contribuíram para seu conhecimento em finanças pessoais, isso reflete a percepção de que, para a maioria dos estudantes de Ciências Contábeis,

o curso desempenha um papel importante no aumento de seu entendimento sobre finanças pessoais e na tomada de decisões financeiras.

Estudos constataram que ter conhecimento sobre finanças, contribui para um melhor gerenciamento das finanças pessoais (Vieira *et al.* 2011; Queiroz *et al.*, 2015; Accorsi *et al.*, 2017; Andrade & Lucena, 2018). O estudo realizado por Vieira *et al.* (2011) investigou alunos dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis em uma universidade pública no norte do Paraná, com foco na influência da formação acadêmica nas decisões financeiras. Os resultados revelaram que o conhecimento financeiro dos estudantes aumenta à medida que avançam nos estudos, evidenciando uma diferença significativa entre alunos em estágios iniciais e finais. Isso sugere uma forte influência do curso na habilidade dos alunos em lidar com questões financeiras.

Accorsi *et al.* (2017) analisaram 253 alunos de Administração na Região Metropolitana de Campinas (RMC) para avaliar a influência do conhecimento adquirido na graduação nas finanças pessoais. O estudo comparou ingressantes e formandos, concluindo que o curso impacta indiretamente o controle e planejamento financeiro dos estudantes, visto que 56,70% dos alunos formandos relataram uma melhoria significativa na gestão de suas finanças pessoais devido ao curso.

O estudo de Mandell e Klein (2009) teve como objetivo examinar o efeito de um curso de gestão financeira pessoal em alunos de cursos de negócios. Concluíram que a participação nesses programas educacionais não teve um impacto significativo no desenvolvimento das habilidades de planejamento financeiro e controle dos alunos. Notou-se que 71,8% dos alunos que participaram desses cursos eram mais propensos a realizar pagamentos com cartão de crédito, indicando uma falta de planejamento financeiro.

Laureano *et al.* (2019) examinaram os hábitos financeiros e o planejamento financeiro pessoal de 104 alunos do curso de Administração de uma instituição privada em Quixadá - CE. O estudo revelou que 50% dos alunos possuíam dívidas ou financiamentos, principalmente de cartões de crédito, com algumas em atraso devido à falta de planejamento. Muitos alunos relataram possuir múltiplas dívidas e admitiram estar inadimplentes, indicando que o curso teve pouca influência na gestão de suas finanças pessoais.

Por fim, um estudo realizado por Silva *et al.* (2023) envolveu 67 alunos do curso de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina

(UFMS/CPNA). Os resultados indicaram que nem todos os alunos concluintes consideraram que o curso teve uma influência significativa em sua gestão financeira pessoal. Essa percepção pode estar relacionada à forma como os conteúdos financeiros foram abordados em sala de aula.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipologia, População e Amostra

Em relação aos objetivos do estudo, a pesquisa se configura como descritiva. A pesquisa descritiva se caracteriza pela busca em definir as características de uma determinada população ou fenômeno, bem como em estabelecer relações entre variáveis (Gil, 2010). Neste estudo, será descrita a relação da formação acadêmica nas finanças pessoais de estudantes universitários dos cursos de administração e contabilidade. Ao adotar uma abordagem descritiva, pretende-se identificar e analisar como a formação em contabilidade e administração pode influenciar a gestão financeira pessoal desses estudantes. Assim, o estudo explora se há diferenças significativas na forma como alunos de cada curso lidam com suas finanças pessoais, bem como identificar possíveis fatores que possam contribuir para essas diferenças.

Concernente ao problema investigado e a natureza dos dados, a pesquisa classifica-se como quantitativa. Para Malhotra (2001), estudos quantitativos buscam quantificar os dados e, geralmente, empregam algum tipo de análise estatística. Este estudo utilizou a quantificação na coleta de dados e técnicas estatísticas no tratamento das informações. Portanto, ao analisar a relação da formação acadêmica nas finanças pessoais de estudantes universitários dos cursos investigados, realizou-se a tradução das informações analisadas e dos dados coletados, em números.

A população em um estudo refere-se ao conjunto completo de indivíduos ou elementos que possuem as características desejadas pela pesquisa. A população é o grupo total de indivíduos que possuem características em comum e são o foco da pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013). Neste estudo, a população é composta por alunos dos cursos de ciências contábeis e administração de duas Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas no município de Parnaíba, estado do Piauí, sendo uma IES pública, denominada de IES A e uma IES privada, denominada de IES B, com intuito de manter o anonimato das entidades estudadas. A pesquisa foi realizada com alunos que estavam matriculados no 5º, 6º, 7º e 8º semestres desses

curiosos. Especificamente, o número total de alunos matriculados, isto é, a população foi de 144 na IES A e 66 na IES B.

A amostra é a parte representativa da população, selecionada para participar da pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013). Neste trabalho, a amostra foi composta por um total de 140 alunos respondentes, selecionados de forma a representar proporcionalmente os estudantes dos cursos de Ciências Contábeis e Administração nos diferentes semestres nas IES assistidas na pesquisa.

3.2. Coleta dos Dados

Para coletar os dados dos estudantes dos cursos de administração e contabilidade nas IES investigadas aplicou-se um questionário estruturado, com participação voluntária dos discentes. Os períodos semestrais indicados foram selecionados com base no desenvolvimento acadêmico, considerando que os discentes já possuem uma base conceitual que lhes permite tomar decisões quanto à aplicação ou não desses conceitos em suas finanças pessoais.

As perguntas aplicadas constituem uma adaptação do questionário empregado por Santos *et al.* (2019), abrangendo variáveis relacionadas a contabilidade, finanças pessoais, investimentos e atitudes. Optou-se por realizar um levantamento (*survey*), no qual cada variável apresenta opções de respostas e o respondente é solicitado a assinalar aquela que melhor representa sua situação.

A coleta de dados foi efetuada mediante a aplicação de um questionário *online* (*websurvey*), sendo desenvolvido por meio da plataforma *Google Formulários®*. O link do instrumento de coleta foi disseminado nos grupos de *WhatsApp* correspondentes às turmas de cada semestre. O questionário consistiu em três blocos de perguntas fundamentadas. O primeiro bloco abordou questões relativas ao perfil dos participantes, incluindo identificação de gênero, idade, condições de moradia e período do curso de graduação, o segundo bloco compreendeu perguntas de natureza financeira e, o terceiro e último, questões envolvendo a aplicação do curso de graduação em suas finanças.

Antes de aplicar o questionário aos alunos, realizou-se a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O documento esclarece todos os aspectos relevantes da pesquisa, incluindo o compromisso com o anonimato dos participantes, e fornece informações sobre o conteúdo e o procedimento do questionário. Adicionalmente, os alunos

foram enfaticamente informados da possibilidade de não responder o questionário, caso assim desejassem.

Realizou-se uma fase preliminar de avaliação do questionário em fevereiro de 2024, mais precisamente em um curso de contabilidade de uma universidade privada na mesma cidade das instituições de ensino superior (IES) em análise. Essa etapa incluiu a aplicação de 22 questionários e teve como propósito aprimorar tanto o questionário quanto a estratégia utilizada para solicitar, apresentar e gerenciar as pesquisas. O questionário foi aplicado duas vezes para coletar dados e informações sobre a situação financeira dos estudantes, com o objetivo de reunir informações dos alunos ausentes no primeiro dia de aplicação. A coleta de dados mediante aplicação de questionários neste estudo transcorreu no intervalo compreendido entre 27 de maio a 06 de junho de 2024.

3.3. Técnicas de Análise de Dados

Os dados da presente pesquisa foram analisados por meio da estatística descritiva. Segundo Santos (2018), estatística descritiva é a descrição pormenorizada das técnicas de tratamento de dados unidimensionais, desde a sua apresentação em tabelas e gráficos até ao estudo das medidas estatísticas que permitem caracterizar rigorosamente uma distribuição.

A técnica utilizada para rodar os dados da pesquisa foi o teste do qui-quadrado. O teste do qui-quadrado, introduzido por Karl Pearson em 1900, é uma técnica estatística utilizada para verificar a associação entre duas variáveis categóricas. De acordo com McHugh (2013), o teste é especialmente útil em pesquisas onde se deseja determinar se há uma diferença significativa entre as frequências observadas e as frequências esperadas em uma ou mais categorias de uma variável.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Perfil dos Respondentes

De posse dos dados coletados, procedeu-se para a análises deste. A Tabela 1 exibe os resultados referente ao perfil dos respondentes, obtidos por meio da aplicação da estatística descritiva.

Tabela 1

Perfil dos respondentes

Assertivas	Frequência	%
1- Curso de graduação		
Administração	52	37,1
Ciências Contábeis	88	62,9
Total	140	100
2- Rede de ensino		
Pública	113	80,7
Privada	27	19,3
Total	140	100
3- Período do curso na graduação		
5º	56	40,0
6º	19	13,5
7º	47	33,6
8º	18	12,9
Total	140	100
4- Gênero		
Feminino	66	47,1
Masculino	73	52,2
Prefiro não responder	01	0,7
Total	140	100
5- Idade em anos		
Até 20	27	19,3
De 21 a 25	96	68,6
De 26 a 30	10	7,1
De 31 a 35	04	2,9
De 36 a 40	01	0,7
Acima de 40	02	1,4
Total	140	100
6- Forma de moradia		
Sozinho(a)	27	19,3
Com os pais/parentes	78	55,7
Com cônjuge	12	8,6
Com amigo(a)	23	16,4
Total	140	100

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Conforme visualiza-se na Tabela 1, o perfil dos respondentes do estudo sobre finanças pessoais revela uma predominância de alunos do curso de ciências contábeis, com 88 respondentes (62,9%), em comparação com 52 respondentes (37,1%) de administração. A maioria dos participantes estuda em instituições públicas, representando 80,7% (113 respondentes), enquanto 19,3% (27 respondentes) frequentam instituições privadas. A distribuição por período de curso mostra uma concentração maior no 5º período (40%) e no 7º período (33,6%), seguidos pelo 6º (13,5%) e 8º (12,9%) períodos. Em termos de gênero, há uma ligeira maioria masculina com 52,2% (73 respondentes), enquanto o gênero feminino representa 47,1% (66 respondentes), e um participante preferiu não responder. A faixa etária predominante

é de 21 a 25 anos (68,6%), seguida pelos menores de 20 anos (19,3%), com poucos respondentes acima dessa faixa etária. Quanto à forma de moradia, a maioria vive com os pais ou parentes (55,7%), enquanto os demais vivem sozinhos (19,3%), com amigos (16,4%), ou com cônjuges (8,6%).

4.2. Abordagem de Natureza Financeira

A variável 1 (curso de graduação) foi incluída nas análises referentes à natureza financeira dos alunos (assertivas 7 a 16). A Tabela 2 exibe os resultados dessa análise, obtidos por meio do teste do qui-quadrado.

Tabela 2

Variáveis de natureza financeira

Variáveis (assertivas)	Teste do χ^2	Significância
7-Fonte de renda	5,272	0,153
8-Renda mensal média	5,530	0,237
9-Percepção sobre a educação financeira	0,014	0,907
10-Propulsor da educação financeira	5,369	0,373
11-Forma de monitoramento das finanças pessoais	3,231	0,357
12-Forma de realização de orçamento financeiro pessoal	5,781	0,123
13-Frequência de existência de sobra de caixa ao final do mês	1,065	0,587
14-Modalidade utiliza para efetuar pagamentos	1,095	0,778
15-Valor de suas dívidas atualmente	6,938	0,225
16-O que faz, com mais frequência, quando está sem dinheiro	3,388	0,495

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os resultados indicam que, no curso de ciências contábeis, a fonte de renda mais comum é estágio/bolsa, representando (33,0%), seguida pelo trabalho formal, com (29,5%). No curso de administração, a principal fonte de renda dos alunos é o trabalho formal, com (38,5%), enquanto a mesada dos pais ou parentes ocupa o segundo lugar, com (30,8%). A variável 7 (fonte de renda) demonstrou-se independente do curso de graduação ($\chi^2=5,272$; $p>0,05$), indicando que a fonte de renda dos alunos não está associada a uma formação acadêmica específica. Os resultados sugerem que os alunos do curso de ciências contábeis buscam ativamente a independência financeira. Eles obtêm suas rendas por meio de estágios remunerados e bolsas de auxílio oferecidas pela própria universidade ou por meio trabalhos formais, ingressando no mercado de trabalho antes mesmo de concluir a graduação. Em

contrapartida, os alunos do curso de administração, quando não inseridos no mercado de trabalho, tendem a depender financeiramente de suas famílias.

A variável 8 (renda mensal média) demonstrou-se independente do curso de graduação ($\chi^2=5,530$; $p>0,05$), indicando que o nível de remuneração dos alunos não está associado a uma formação acadêmica específica. Tanto no curso de administração quanto no de ciências contábeis, a maioria dos estudantes possui uma renda mensal média de até R\$ 700,00, representando 32,7% e 40,9%, respectivamente, seguida pela faixa de R\$701,00 a R\$1.412,00.

Isso revela que grande parte dos estudantes ganha no máximo o salário-mínimo. Importante destacar que, no curso de administração, 7 alunos (13,5%) relataram ter uma renda superior a R\$ 3.000,00, enquanto no curso de ciências contábeis, 8 alunos (9,1%) indicaram a mesma faixa de renda. Observa-se uma tendência mais acentuada para rendas mais elevadas entre os alunos de Administração, pois, apesar de a frequência absoluta ser menor em comparação com ciências contábeis, a proporção é maior quando considerada a totalidade dos respondentes. Essa tendência pode ser atribuída ao fato de que, conforme evidenciado anteriormente, a maioria dos alunos de Administração opta por trabalhos formais.

A relação entre o curso de graduação e a percepção sobre a educação financeira (variável 9) não apresentou resultados significativos, indicando independência entre essas variáveis ($\chi^2=0,014$; $p>0,05$). Entre os alunos de ciências contábeis, 10,2% consideram a educação financeira importante e 89,8% a consideram muito importante. Da mesma forma, no curso de administração, 9,6% dos alunos consideram a educação financeira importante e 90,4% a consideram muito importante. Bruhn *et al.* (2016) afirmam que a integração efetiva da contabilidade nas finanças pessoais requer educação financeira adequada e uma abordagem abrangente para considerar todos os aspectos da gestão financeira. Essa visão justifica a alta valorização atribuída pelos estudantes à educação financeira analisada. Notavelmente, nenhum dos alunos selecionou as opções “pouco importante”, “desnecessário” ou “não tenho opinião sobre o tema”, reforçando a relevância atribuída ao tema pelos estudantes pesquisados.

Ao analisar o propulsor da educação financeira (variável 10) em relação aos cursos de graduação, constatou-se independência entre essas variáveis ($\chi^2=5,369$; $p>0,05$). Os alunos de ciências contábeis apontaram a graduação atual como o principal propulsor (28,4%), enquanto familiares e amigos foram os menores (12,5%). Em administração, a escola (ensino fundamental e médio) foi o principal propulsor (25%) e a graduação atual o menor (15,4%).

Esses resultados sugerem que, embora ambos os cursos envolvam finanças pessoais, os estudantes de ciências contábeis aplicam as práticas financeiras de forma mais consciente no cotidiano. Em contraste, os alunos de administração não demonstram a mesma associação com a graduação atual, alinhando-se à pesquisa de Silva *et al.* (2023), que mostrou que nem todos os concluintes de administração consideraram o curso significativo para sua gestão financeira pessoal.

Em relação à principal forma de monitoramento das finanças pessoais (variável 11) e o curso de graduação, também foi verificado que há independência entre essas variáveis ($\chi^2=3,231$; $p>0,05$). Observou-se que a maioria dos alunos de administração (44,2%) utiliza aplicativos no celular, seguidos por planilhas eletrônicas (28,8%). Em contraste, a maioria dos graduandos de ciências contábeis indicou que sua principal forma de monitoramento financeiro é por meio de planilhas eletrônicas (38,6%), seguidas por aplicativos no celular (31,8%). Isso sugere que, por serem cursos relacionados a finanças, os alunos adotam formas de monitoramento mais técnicas e que demandam mais tempo. Um ponto importante a destacar é que, em ambos os cursos, o menor percentual foi para o monitoramento feito em folha de papel, o que contrasta com os achados de Braidó (2014), onde a maioria dos participantes indicou preferência por monitorar suas finanças dessa forma.

Ao analisar a forma de realização do orçamento financeiro pessoal (variável 12) em relação ao curso de graduação, verifica-se que não há relação significativa entre as duas variáveis ($\chi^2=5,781$; $p>0,05$). No curso de administração, metade dos alunos (50%) realiza o orçamento considerando receitas, despesas e sobras, enquanto a minoria (13,5%) não realiza orçamento. Entre os alunos de ciências contábeis, a maioria (43,2%) também elabora o orçamento considerando receitas, despesas e sobras, enquanto a minoria (5,7%) considera apenas as despesas.

Esses resultados mostram que o menor percentual no curso de administração foi para a assertiva “não realizo”, um resultado favorável, pois indica que a maioria dos alunos efetivamente faz um orçamento financeiro. No entanto, no curso de ciências contábeis, 17% dos alunos indicaram que não realizam nenhum orçamento, uma porcentagem maior do que a observada em administração. Portanto, ao comparar os dois cursos, infere-se que os alunos de administração têm uma tendência maior a realizar o orçamento financeiro pessoal em comparação aos alunos de ciências contábeis.

A relação entre o curso de graduação e a frequência de sobra de caixa mensal (variável 13) também não apresentou resultados significativos, indicando que as variáveis são independentes ($\chi^2=1,065$; $p>0,05$). Em ambos os cursos, ciências contábeis e administração, a maioria das respostas indicou a existência de sobra em alguns meses do ano, com 52,3% e 51,9%, respectivamente. A minoria das respostas também foi similar entre os cursos, indicando que nunca há sobra de caixa, com 19,3% e 13,6%, respectivamente. Esse é um resultado favorável, pois a minoria dos alunos reporta nunca ter sobra de caixa, sugerindo que há um planejamento financeiro eficaz por parte dos estudantes, permitindo que haja dinheiro restante no final do mês.

A variável 14 (modalidade utilizada para efetuar pagamentos) revelou-se independente do curso de graduação ($\chi^2=1,095$; $p>0,05$), indicando que a forma como os alunos efetuam seus pagamentos não está associada a uma formação acadêmica específica. A maioria dos alunos do curso de ciências contábeis opta por efetuar seus pagamentos à vista, utilizando o pix em 63,6% das vezes, seguido pelo cartão de crédito com 17%. De maneira semelhante, no curso de administração, o pix também é a modalidade predominante, escolhida por 57,7% dos alunos, seguido pelo cartão de crédito com 23,1%.

Esses dados sugerem que quando os alunos não têm recursos suficientes para pagar à vista, recorrem ao cartão de crédito para liquidar suas despesas. Essa preferência pelo cartão de crédito pode ser entendida à luz do estudo de Vinhal e Ferreira (2021), que investigou o conhecimento dos alunos sobre controles financeiros e comportamentos relacionados ao uso do cartão de crédito, onde muitos expressaram preferência devido à possibilidade de parcelamento e segurança de não portar dinheiro físico. Contudo, essa prática pode gerar preocupações quanto à saúde financeira dos alunos, especialmente porque deles veem o cartão como facilitador de gastos, o que representa um risco potencial.

Ao analisar a variável 15 (valor de dívidas atuais) em relação ao curso de graduação, verifica-se que não há correlação significativa ($\chi^2=6,938$; $p>0,05$), ou seja, o valor das dívidas dos alunos não está relacionado ao curso que frequentam. No curso de ciências contábeis, as respostas majoritárias se dividiram igualmente entre duas categorias: dívidas de até R\$ 500,00 e dívidas entre R\$ 500,01 e R\$ 1.000,00, ambas com 30,7%. As respostas minoritárias também se dividiram igualmente entre duas categorias, com 4,5% das respostas, indicando dívidas de até R\$ 500,00 e dívidas entre R\$ 2.000,01 e R\$ 2.500,00. No curso de administração, a maioria

dos alunos indicou ter dívidas entre R\$ 500,01 e R\$ 1.000,00, enquanto a minoria apontou dívidas entre R\$ 2.000,01 e R\$ 2.500,00.

Esses resultados sugerem que os alunos de ciências contábeis tendem a ter dívidas menores, já que a maioria se enquadra nas categorias de menor valor, refletindo um bom planejamento financeiro, pois segundo Silva *et al.* (2017), a contabilidade contribui significativamente para o aprimoramento das finanças pessoais, tornando o planejamento financeiro mais preciso e eficaz, e facilitando a comparação entre o planejado e o realizado. Em contraste, no curso de administração, a maioria não está na faixa de menores dívidas, e uma significativa proporção indica dívidas acima de R\$ 2.500,00, a faixa mais alta de endividamento. Portanto, pode-se concluir que os alunos do curso de ciências contábeis demonstram um planejamento financeiro mais eficaz em comparação aos alunos de administração.

Por fim, ao avaliar a variável 16 (o que faz, com mais frequência, quando está sem dinheiro) em relação ao curso de graduação, não se observou uma relação significativa, indicando que as variáveis são independentes ($\chi^2=3,388$; $p>0,05$). No curso de administração, a maioria dos alunos (67,3%) indicou utilizar o cartão de crédito, seguido por duas opções com a mesma porcentagem (11,5%): “realizo empréstimo com familiares” e “vendo algum bem próprio”. No curso de ciências contábeis, a maioria também indicou o uso do cartão de crédito quando está sem dinheiro, com 65,9% das respostas, seguido por “realizo empréstimo com familiares”, com 15,9%. Esses resultados mostram que em ambos os cursos, o cartão de crédito é a primeira opção quando os alunos estão sem dinheiro. Isso reforça os achados da variável 14, onde o pix foi apontado como a principal forma de pagamento, seguido pelo cartão de crédito. Assim, quando os alunos não têm orçamento suficiente para pagar à vista, recorrem ao cartão de crédito como alternativa.

4.3. Aplicação do Curso de Graduação nas Finanças

A Tabela 3 exhibe os resultados referente aplicação do curso de graduação nas finanças, obtidos por meio do teste do qui-quadrado.

Tabela 3 - Aplicação do curso de graduação nas finanças

Variáveis (assertivas)	Teste do χ^2	Significância
17- Aplicação de conhecimentos adquiridos no curso de graduação nas finanças	2,318	0,314
18- Identificação de áreas específicas do curso que foram diretamente aplicáveis na gestão do orçamento	1,376	0,503
19- Habilidades aprendidas no curso ajudaram a melhorar a capacidade de planejar e alcançar metas financeiras	0,844	0,656
20- Impacto das disciplinas nas atitudes em relação a dívidas e empréstimos	0,203	0,904
21- Situação específica em que aplicou diretamente o conhecimento adquirido no curso para resolver um problema financeiro pessoal	0,147	0,929
22- Contribuição do curso para aumentar a conscientização sobre questões financeiras gerais	2,119	0,347
23- Opinião sobre os conhecimentos obtido a partir do curso de graduação	4,779	0,092

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A aplicação de conhecimentos adquiridos no curso de graduação nas finanças pessoais demonstrou ser independente ($\chi^2=2,318$; $p>0,05$). No curso de administração, 48,1% dos estudantes relataram utilizar regularmente os conceitos aprendidos em suas decisões financeiras, enquanto 7,7% não aplicam esses conhecimentos. Em ciências contábeis, 47,7% dos alunos indicaram que aplicam os conhecimentos específicos do curso ocasionalmente, enquanto 14,8% não os utilizam em suas decisões financeiras. Percebe-se que a maior parte dos estudantes de ambos os cursos ainda não integra de forma consistente os conhecimentos adquiridos em suas práticas financeiras pessoais.

Apesar de uma parcela considerável de alunos aplicar ocasionalmente ou regularmente os conceitos aprendidos, há uma proporção significativa que não vê utilidade prática imediata no conteúdo acadêmico para suas decisões financeiras diárias. Esse resultado vai de encontro com os achados de Lima *et al.* (2017), onde realizaram uma análise de como a contabilidade pode ser usada para o controle de finanças pessoais dos discentes e conclui que das turmas do sétimo ao oitavo período a maioria, com um percentual de 75% relatam fazer uso do conhecimento para administrar suas despesas.

Os resultados obtidos mostram que a variável 18, que trata da identificação de áreas específicas do curso diretamente aplicáveis na gestão do orçamento financeiro pessoal, é independente do curso ($\chi^2=1,376$; $p>0,05$). Tanto no curso de ciências contábeis quanto no de administração, seguidos com um percentual de 52,3% e 51,9%, respectivamente, afirmam que algumas disciplinas ministradas contribuíram de forma limitada. De maneira semelhante,

15,9% dos alunos de ciências contábeis e 9,6% de administração, não identificam nenhuma aplicabilidade na gestão de suas finanças pessoais. Nota-se que há uma considerável proporção de alunos que não percebem a utilidade direta das disciplinas cursadas para a gestão financeira pessoal, indicando uma possível desconexão entre o conteúdo teórico abordado nas aulas e as necessidades práticas dos estudantes em relação à administração de suas finanças.

A variável 19 (habilidades aprendidas no curso ajudaram a melhorar a capacidade de planejar e alcançar metas financeiras) não tem relação com o curso de graduação ($\chi^2=0,844$; $p>0,05$). No curso de ciências contábeis, 68,2% dos estudantes afirmam ter melhorado sua capacidade de planejamento e alcance de metas financeiras por meio de habilidade adquiridas no curso, apenas 14,8% não concorda, afirmando não perceber melhoria significativa. Da mesma forma para os alunos de administração com um percentual de 61,5% e 15,4% respectivamente para as mesmas indagações. Percebe-se que, embora a maioria dos estudantes de ambos os cursos reconheça a utilidade das habilidades adquiridas, ainda existe uma parcela significativa que não percebe melhorias substanciais em suas capacidades de planejamento financeiro. Dessa forma, os achados convergem com Vieira *et al.* (2011) onde os resultados revelaram que o conhecimento financeiro dos estudantes aumenta à medida que avançam nos estudos, evidenciando uma diferença significativa entre alunos em estágios iniciais e finais, sugerindo uma forte influência do curso na habilidade dos alunos em lidar com questões financeiras.

No que se refere a variável 20, na qual trata-se no impacto das disciplinas nas atitudes em relação a dívidas e empréstimos, mostra-se independente aos cursos ($\chi^2=0,203$; $p>0,05$). Os resultados indicam que, no curso de administração a maioria dos alunos, sendo 51,9% destes considera que as disciplinas impactaram levemente suas mudanças em relação as atitudes voltadas para dívidas e empréstimos, porém 23,1% desses alunos, considera que não houve impacto significativo. Da mesma forma para os discentes de ciências contábeis 48,9 e 22,7% respectivamente para as mesmas questões.

Nota-se que a percepção de impacto das disciplinas nas atitudes financeiras dos estudantes é relativamente limitada, com uma parte considerável dos alunos não percebendo mudanças significativas em suas atitudes em relação a dívidas e empréstimos. Apesar do expressivo percentual de alunos que não considera impacto significativo, ainda assim, a maioria nota diferença em suas finanças pessoais por meio de disciplinas aprendidas no curso de

graduação, assim como os resultados encontrados por Queiroz *et al.* (2015), acredita que o uso das demonstrações contábeis desempenha um papel significativo na melhoria da gestão de suas finanças pessoais.

A variável 21 (situação específica em que aplicou diretamente o conhecimento adquirido no curso para resolver um problema financeiro pessoal) não tem relação com o curso de graduação ($\chi^2=0,147$; $p>0,05$), onde a maioria dos alunos de administração (55,8%) indica ter aplicado esses conhecimentos adquiridos em situações específicas de forma rara, por outro lado, 21,2% desses discentes afirmam aplicar conhecimentos do curso em diversas situações práticas. A maioria dos discentes de ciências contábeis (54,5%) afirma aplicar conhecimentos do curso em situações específicas, mas raramente, já o que se refere a minoria, 21,6% dizem não aplicar conhecimentos em situações reais. Ou seja, os resultados indicam que, embora uma parte significativa dos alunos reconheça a utilidade prática dos conhecimentos adquiridos, a frequência de aplicação desses conhecimentos ainda é baixa, sugerindo que muitos estudantes não conseguem integrar plenamente o aprendizado teórico em suas práticas financeiras cotidianas.

Os resultados alcançados mostram que a variável 22, na qual trata-se da contribuição do curso para aumentar a conscientização sobre questões financeiras gerais é independente ($\chi^2=2,119$; $p>0,05$), assim como a variável 23, que aborda questões relacionadas a opinião sobre os conhecimentos obtidos a partir do curso de graduação. 53,8% dos alunos de administração, destaca um leve aumento em relação a conscientização sobre algumas áreas, ao contrário dessa perspectiva, a minoria (5,8%) indica não perceber aumento na conscientização. Destaca-se que 63,5% dos acadêmicos de administração afirmam que apesar do auxílio dos conhecimentos adquiridos no curso de graduação em suas finanças, poderia terem sido auxiliado mais, por outro lado e como minoria, 1,9% desses afirmam que não tiveram nenhum auxílio, pois as disciplinas não abordam o tema.

Semelhante a esses achados, 48,9% dos acadêmicos de ciências contábeis indicam ter a consciência levemente aumentada em algumas áreas e apenas 13,6% não percebeu nenhum aumento. A maioria (59,1%) afirmam que os conhecimentos ajudaram nas finanças, mas poderia terem sido auxiliado ainda mais e a minoria desses discentes (12,5%) destacaram que os conhecimentos não auxiliaram, pois, as disciplinas não abordam o tema. Nota-se que, embora haja uma percepção geral de que os cursos proporcionam algum grau de conscientização e

auxílio financeiro, existe um consenso de que o impacto poderia ser significativamente maior se as disciplinas abordassem de maneira mais aprofundada e prática as questões financeiras relevantes para os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar a relação da formação acadêmica na educação financeira e na capacidade de gestão financeira pessoal de estudantes universitários. Os resultados demonstraram que a aplicação de conhecimentos adquiridos no curso de graduação nas finanças pessoais é independente do curso, com a maioria dos alunos de administração (48,1%) e ciências contábeis (47,7%) aplicando os conceitos ocasionalmente ou regularmente, mas uma parcela significativa não utiliza esses conhecimentos em suas decisões financeiras diárias. Os achados ainda mostraram que a fonte de renda e a renda mensal média dos alunos não estão associadas ao curso de graduação, com a maioria dos estudantes possuindo uma renda de até R\$ 700,00. Estudantes de ciências contábeis e administração valorizam a educação financeira, preferindo monitorar suas finanças com planilhas eletrônicas e aplicativos, respectivamente.

A maioria realiza orçamentos financeiros, especialmente em administração. Quanto ao endividamento, não houve correlação significativa com a formação acadêmica, mas os alunos de ciências contábeis tendem a ter dívidas menores, refletindo um planejamento financeiro mais eficiente. Ambos os grupos recorrem frequentemente ao cartão de crédito quando estão sem dinheiro.

Com base nos resultados obtidos, conclui-se que, ao comparar as diferenças nas finanças pessoais entre estudantes de diferentes áreas acadêmicas, a aplicação dos conhecimentos adquiridos no curso de graduação nas finanças pessoais se mostrou independente do campo de estudo específico. Tanto em administração quanto em ciências contábeis, a maioria dos estudantes utiliza ocasionalmente ou regularmente os conceitos aprendidos, mas uma proporção significativa não vê utilidade prática imediata no conteúdo acadêmico para suas decisões financeiras diárias. Este fenômeno revela uma desconexão entre o ensino teórico e as necessidades práticas dos alunos, que também se reflete na percepção limitada da utilidade das disciplinas para a gestão financeira pessoal.

Embora uma parcela considerável dos estudantes reconheça a utilidade das habilidades adquiridas para o planejamento e alcance de metas financeiras, a frequência de aplicação prática desses conhecimentos ainda é baixa. Além disso, a conscientização sobre questões financeiras gerais proporcionada pelos cursos é percebida como insuficiente, indicando que uma abordagem mais prática e aprofundada poderia aumentar significativamente o impacto das disciplinas nas finanças pessoais dos estudantes. Os achados deste estudo sugerem que, apesar do potencial dos cursos de administração e ciências contábeis em melhorar a educação financeira dos alunos, há uma necessidade de reformulação curricular que contemple de maneira mais eficiente as aplicações práticas dos conceitos ensinados.

Ao identificar as práticas financeiras adotadas pelos estudantes universitários e explorar a influência de sua formação acadêmica, não foram encontradas associações significativas entre a área de estudo e a maioria das variáveis analisadas. Tanto em ciências contábeis quanto em administração, os alunos apresentam fontes de renda e níveis de remuneração semelhantes, com grande parte dos estudantes recebendo até o salário-mínimo e utilizando predominantemente o pix e o cartão de crédito para pagamentos.

As atitudes e comportamentos financeiros, como a importância atribuída à educação financeira e a forma de monitoramento das finanças, também não mostraram dependência do curso de graduação. No entanto, uma diferença notada é que os alunos de administração tendem a realizar orçamento financeiro pessoal com mais frequência do que os alunos de ciências contábeis, que, por sua vez, demonstram um melhor planejamento financeiro refletido em níveis de endividamento geralmente menores.

A prática comum de recorrer ao cartão de crédito quando estão sem dinheiro sugere uma potencial vulnerabilidade financeira entre os estudantes de ambos os cursos. Esses achados indicam que, apesar das diferenças nos currículos de administração e ciências contábeis, as práticas financeiras e a percepção da importância da educação financeira são similares, apontando para uma necessidade de reforçar a integração prática dos conceitos financeiros no cotidiano dos alunos, independentemente da área de estudo.

Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação da amostra para incluir uma quantidade maior de instituições e cursos, bem como a adoção de métodos qualitativos, como entrevistas em profundidade, para complementar os dados quantitativos. Além disso, seria benéfico investigar a eficiência de programas de educação financeira específicos e integrados aos

currículos acadêmicos, analisando como diferentes abordagens pedagógicas impactam a gestão financeira dos alunos. Pesquisas que explorem as influências culturais, socioeconômicas e psicológicas nas práticas financeiras dos estudantes também seriam úteis para desenvolver intervenções mais direcionadas.

REFERÊNCIAS

- Accorsi, R. S., Lopes, J. R. M., Lames, E. R., Machado, R. Q., & Lames, L. C. J. (2017). Influência do curso de administração nas finanças pessoais de seus alunos. *Acta Negócios*, 1(2), 79-106.
- Andrade, J. P., & Lucena, W. G. L. (2018). Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. *Revista Economia & Gestão*, 18(49), 103-121. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2018v18n49p103-121>
- Anjos, F. D., & Girardi, G. *Gestão financeira pessoal: influência do canal Me Poupe! do YouTube*.
- Bayer, P. J., Bernheim, B. D., & Scholz, J. K. (2009). The effects of financial education in the workplace: evidence from a survey of employers. *Economic Inquiry*, 47(4), 605-624. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.2008.00156.x>
- Braido, G. M. (2014). Planejamento financeiro pessoal dos alunos de cursos da área de gestão: estudo em uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. *Revista Estudo e Debate*, 21(1), 37-58.
- Bruhn, M., Leao, L. S., Legovini, A., Marchetti, R., & Zia, B. (2016). The impact of financial education in high school: evidence from a large-scale evaluation in Brazil. *American Economic Journal: Applied Economics*, 8(4), 256-295.
- Cerbasi, G. (2009). *Como organizar sua vida financeira*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Chatterjee, S., Heath, T. B., & Min, J. (2009). The susceptibility of mental accounting principles to evaluation mode effects. *Journal of Behavioral Decision Making*, 22(2), 120-137. <https://doi.org/10.1002/bdm.616>
- Cheema, A., & Soman, D. (2006). Malleable mental accounting: the effect of flexibility on the justification of attractive spending and consumption decisions. *Journal of Consumer Psychology*, 16(1), 33-44. https://doi.org/10.1207/s15327663jcp1601_6
- Conto, S. M., Faleiro, S. N., Führ, I. J., & Kronbauer, K. A. (2015). O comportamento de alunos do ensino médio do Vale do Taquari em relação às finanças pessoais. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 8(2), 182-206. <https://doi.org/10.19177/reen.v8e22015182-206>

- Cordeiro, N. J. N., Costa, M. G. V., & Silva, M. N. (2018). Educação financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. *Ensino da Matemática em Debate*, 5(1), 69-84.
- Cruz, A. P. C., Cherobim, A. P. M. S., & Espejo, M. M. D. S. B. (2011). Subvalorização acionária em crises financeiras sob a ótica de teorias de estrutura de capital: um estudo junto às maiores empresas brasileiras. *Contabilidade Gestão e Governança*, 14(2), 18-32.
- Domingos, R. (2013). *Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira*. Editora DSOP.
- Foulks, S. M., & Graci, S. P. (1989). Guidelines for personal financial planning. *Business*, 33(2), 32.
- Frankenberg, L. (1999). *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. Gulf Professional Publishing.
- Gallagher, L. (2008). *Planeje seu futuro financeiro: o guia sobre investimentos para multiplicar seu patrimônio*. Elsevier Brasil.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5 ed.). Atlas.
- Grifoni, A., & Messy, F. A. (2012). Current status of national strategies for financial education: a comparative analysis and relevant practices. In: *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, 16, OECD Publishing, Paris.
- Kahneman, D. (2002). *Maps of bounded rationality: a perspective on intuitive judgement and choice*. Recuperado em 23 de maio, de <https://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1JYQGMJ2F-12L12PD-12N9/kahnemann-lecture.pdf>.
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Objetiva.
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47(2), 363-391. https://doi.org/10.1142/9789814417358_0006
- Kotler, P., & Keller, K. L. (2018). *Administração de marketing*. (15 ed.). Pearson Education do Brasil.
- Lima, M. N., Levino, N. D., & Santos, A. N. (2017). A Contabilidade aplicada ao controle das finanças pessoais: uma análise com estudantes universitários. In: *XLIX Simposio Brasileiro de Pesquisa Operacional*. Blumenau, Santa Catarina, Brasil.
- Lusardi, A. (2019). Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. *Swiss Journal of Economics and Statistics*, 155(1), 1-8. <https://doi.org/10.1186/s41937-019-0027-5>
- Maehler, R., & Kasmin, M. A. (2024). Finanças pessoais e educação financeira entre universitários: perfil dos graduandos da UNIOESTE - Francisco Beltrão. *Revista Faz Ciência*, 26(43). <https://doi.org/10.48075/rfc.v26i43.31456>

- Malhotra, N. (2001). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. (3 ed.). Bookman.
- Mandell, L., Klein, L. S. (2009). The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20(1), 15-24.
- Marion, J. C. (2018). *Contabilidade empresarial: instrumentos de análise, gerência e decisão*. (18 ed.). Atlas.
- Martins, J. P. (2004). *Educação financeira ao alcance de todos*. Editora Fundamento Educacional.
- Massaro, A. (2015). *Como cuidar de suas finanças pessoais*. Conselho Federal de Administração.
- McHugh, M. L. (2013). The chi-square test of independence. *Biochemia Medica*, 23(2), 143-149. <https://doi.org/10.11613/BM.2013.018>
- Montoto, E. (2015). *Contabilidade geral e avançada*. Saraiva
- Prado, A. B. B. (2015). *Educação financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP].
- Prelec, D., & Loewenstein, G. (1998). O vermelho e o preto: contabilidade mental da poupança e da dívida. *Ciência do Marketing*, 17(1), 4-28.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2 ed.). Editora Feevale.
- Queiroz, E. H., Valdevino, R. Q., & Oliveira, A. M. (2015). A contabilidade na gestão das finanças pessoais: um estudo comparativo entre discentes do curso de ciências contábeis. *Revista Conhecimento Contábil*, 1(1), 1-19.
- Rajagopal, P., & Rha, J. (2009). A contabilidade mental do tempo. *Revista de Psicologia Econômica*, 772-781.
- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 276-295. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x>
- Santos, A. C., Garcia, E. L. M., Faia, V. S., & Santos, A. M. F. (2019). Finanças pessoais: um estudo com acadêmicos sob a abordagem da teoria da contabilidade mental. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 24(1), 90-111.
- Santos, C. (2018). *Estatística descritiva: manual de auto-aprendizagem*. (3 ed.). Sílabo.
- Santos, P. C., França, P. M., & Batista, V. C. (2024). O impacto do planejamento financeiro na qualidade de vida: fatores, benefícios e recomendações. *Revista Foco*, 17(10), e6589-e6589. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n10-118>

- Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. D. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração pública*, 41, 1121-1141. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122007000600006>
- Shefrin, H., & Statman, M. (1985). The disposition to sell winners too early and ride losers too long: theory and evidence. *The Journal of finance*, 40(3), 777-790. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6261.1985.tb05002.x>
- Silva, J. B. D., & Lautert, S. L. (2022). Heurísticas nas tomadas de decisões de estudantes do ensino médio diante de situações financeiras. *Revista Brasileira de Educação*, 27, e270098. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270098>
- Silva, F. R. O., & Oliveira, M. C. S. (2024). Independência financeira e qualidade de vida através da educação financeira escolar. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(6), 1927-1942. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14492>
- Silva, S. A., & Tristão, G. (2009). *Contabilidade básica*. Atlas.
- Silva, T. N., Silveira, V. C., Eduardo, A. S., Ribeiro, J. S., Chaebo, G., Schotten, P. C., & Fachin, S. (2023). A influência do ensino superior no planejamento financeiro pessoal dos acadêmicos ingressantes e concluintes do curso de administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Nova Andradina. *GeSec: Revista de Gestão e Secretariado*, 14(4), 5598-5613. <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i4.2008>
- Silva, W. J., Carraro, W. B. W. H., & Silva, M. L. F. (2017). A Contabilidade como instrumento de controle e planejamento financeiro pessoal. In: *II Congresso de Contabilidade da UFRGS*.
- Thaler, R. H. (1999). Mental accounting matters. *Journal of Behavioral Decision Making*, 12(3), 183-206. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0771\(199909\)12:3%3C183::AID-BDM318%3E3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0771(199909)12:3%3C183::AID-BDM318%3E3.0.CO;2-F)
- Vieira, D. L. M., Costa, W. P. L. B., Silva, J. D., Kronbauer, C. A., & Silva, S. L. P. (2022). Fatores determinantes da utilização da contabilidade mental no julgamento e tomada de decisão de fatos contábeis. In *Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC*.
- Vieira, S. F. A., Bataglia, R. T. M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração da UNIMEP*, 9(3), 61-86.
- Vinhal, M. M., & Ferreira, J. M. (2021). Análise de endividamento e consumismo em relação ao uso do cartão de crédito: estudo de caso com alunos de ciências contábeis do UNIPAM. *Revista do Fórum Gerencial*, 1(3), 150-162.
- Zanetta, A. (2016). Influência de aspectos da racionalidade e da personalidade sobre a ocorrência da ilusão contabilidade mental. *Revista Administração em Diálogo*, 18(3), 26-45.



Zerrenner, S. A. (2007). *Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo].